**HUNBE, CANDOMBLÉ E RESISTÊNCIA**

Elaine Di Carlantonio Carvalho /Graduanda em Pedagogia - UERJ

O presente trabalho é fruto da pesquisa, ainda em curso, para a monografia, trabalho final, do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os desdobramentos deste trabalho percorrerão os perímetros de Pedra de Guaratiba, mais expecificamente o Ilé Àṣẹ Àiyé Obálúwàiyé, terreiro de candomblé que frequento há 21 anos, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro e terá como interlocutores os membros desta comunidade. O objetivo principal desta comunicação é compreender como alguns membros desta comunidade, com diferentes idades cronológicas, resistiram e resistem ao racismo religioso.

O terreiro, nomeclatura dada aos templos de matriz africana, é um espaço de muita aprendizagem e afeto. Quando alguém disponibiliza seu tempo para ensinar, os outros sentam ao redor para ouvir, pois a oralidade é a nossa maior ferramenta, por meio da fala é possível não apenas se comunicar, mas perpetuar a própria cultura, mantendo viva e presente as memórias e os ensinamentos ancestrais. Márcio de Jagun (2021) nos traz uma importante reflexão sobre essa abordagem:

Os terreiros de Candomblé são assim, espaçostempos – espaços de resistência cultural. Onde se canta, dança, louva e, mesmo nos momentos de lazer, se vivifica uma cultura africana que tentaram apagar, mas não conseguiram. Nos terreiros, rindo, brincando, ou rezando, tudo é motivo de troca, de aprendizado, de resgate do passado e de construção de futuro. Os terreiros, são o espaço onde esses tempos se encontram. (JAGUN, 2021, p. 28)

Era mais um dia no Ilé Àṣẹ Àiyé Obálúwàiyé, terreiro frequantado por mim e minha família e principal campo para a minha pesquisa. O dia estava nublado e todos envolvidos na organização do local para a festividade que iria ocorrer mais tarde, quando repentinamente observo o dialógo entre Mãe Geni, senhora negra de 70 anos, *ẹ̀gbọ́n[[1]](#footnote-1)* da casa, e o Ogan[[2]](#footnote-2) Michael, 25 anos. O diálogo e as diferenças entre as idades cronológicas me intrigaram, ela dizia: “Em minha época não era assim” dando uma baita lição no rapaz, que mesmo hierarquicamente sendo mais velho, a ouvia respeitando sua vasta experiencia de vida. Todos riram, pois seu jeito cativante, até nas broncas, era doce. Muito curiosa quis ouvir como era “em sua época” então a indaguei, queria ouvir mais histórias, e ali fiquei sentada por horas, sem me dar conta do tempo e refletindo sobre as diferentes épocas.

Se para nós ocidentais o tempo é linear, condenado e circunscrito a passado,presente e futuro, ou início, meio e fim; os iorubas percebem o tempo em outra dimensão. Para eles, o tempo é sincrônico. Logo, passado, presente e futuro coexistem. (JAGUN, 2021, p.72)

O diálogo acima tinha se iniciado após o rapaz compartilhar sua indignação por ter sofrido racismo religioso. Michael, homem preto, nos conta que tinha ido ao mercado do bairro comprar as coisas que estavam faltando para a festividade, e que ao adentrar no estabelecimento trajado com suas vestes litúrgicas e com seu fio-de-conta[[3]](#footnote-3) a mostra ouviu palavras como “tá repreendido” e “Deus seja louvado”, porém o que mais lhe surpreendeu foi o som do mercado em um volume relevante começar a tocar louvor, sentindo-se constrangido saiu do estabelecimento incrédulo do ocorrido e se dirigiu a outro comércio. Mãe Geni disse ao rapaz que em sua época não era assim porque a mesma não iria à rua com seus trajes liturgicos e seus fios-de-conta eram colocados por dentro de suas vestes, assim os perseguidores não a enxergavam. Todos que estavam no local se comoveram com o relato do jovem,

Os relatos apresentados nos fazem observar, refletir e questionar as mudanças e adequações que os terreiros e seus adeptos tiveram que sofrer ao decorer do tempo como forma de resistência e sobrevivência. Há mudanças geracionais entre a época da mãe Geni e o Ogan Michael? Os ataques racistas sofridos por ambos mudaram? Os desafios fora dos muros do terreiro são os mesmos?

Dessa forma, observa-se as diferentes problematizações vividas em diferentes gerações e as mudanças significativas que o terreiro e seus membros foram obrigados a realizar no decorrer do tempo para manterem viva sua ancestralidade em meio a uma sociedade racista e excludente.

As normas e condutas que permeiam os terreiros de candomblé são conhecidas como hunbe, elas servem para orientar os membros a se comportarem de forma individual e coletiva. Os conhecimentos ancestrais auxiliam aos tabus comportamentais. Cada casa de candomblé tem suas regras, porém, fixo minha pesquisa nas normas sociais orientadoras do *Ilé Àṣẹ Àiyé Ọbalúwáiyé*. Este terreiro descende do *Ilé Òsùmàrè Aràká Àṣẹ Ògòdó*, uma das casas matrizes do candomblé brasileiro cujo funcionamento data de quase 200 anos. A Casa de Oxumarê, como também é conhecida, possui aproximadamente 120 mandamentos documentados que fazem parte dos cotidianos desta comunidade há gerações. Parte dessas registros podem ser encontrados na obra “*Ewé* a chave do portal” de Márcio de Jagun (2019). É válido ressaltar, no entanto, que existem orientações que não estão estabelecidas em nenhuma escrita, elas são ensinadas através do que foi vivido, assim como ensinou mãe Geni.

Lembro-me de um episódio recente. Estava em casa quando recebi uma ligação de Lua, mãe da Sofia. O pedido de auxilio, diz que sua filha estava sendo atacada na escola por ser de terreiro. Conta que fazem piadas dela, a empurram, cospem no chão quando falam os nomes de suas divindades. Preocupada, pois a adolecente relata que já procurou a coordenação da escola, porém, nada foi feito, e que pretende partir para agressão na proxima vez, a mãe não sabe o que fazer. Imediatamente pergunto o nome da instituição e ela me responde: “Escola Deborah Mendes de Moraes”, ao ouvir aquele nome meus olhos se enxeram de lagrímas, veio um frio na barriga, pois era a mesma escola que há 20 anos atras eu tinha estudado e sofrido os mesmos ataques. A orientei e o dia seguiu pesado e angustiante. Cheguei à escola onde trabalho e a atividade proposta era a leitura da obra “Odisséia”. Após a leitura de contos de deuses do Olimpo como Zeus, Afrodite, Atena e Apolo, percebi que não havia espaço para outras narrativas fora de uma moldura europeia e ocidental. Lá os alunos não podem saber que eu creio em uma divindade chamada **ESÚ.** Jagun nos conta que em uma cântiga sagrada de candomblé Esú diz que crianças aprendem a louva-lo na escola:

**A ji kí Bárábó àgo mojuba**

**Àwa kò se**

**A jí kí Bárábó, àgò! Mo júbà!**

**E Omodé Kó Èkó**

**E Bárábó, àgò! Mo júbà!**

**Elégbára Èsù, lónà.**

Nós acordamos e cumprimentamos Bárábó, licença! Eu o respeito!

Não nos faça mal

Nós acordamos e cumprimentamos Bárábó, licença! Eu o respeito!

A criança aprende e ensina na escola

Eh Bárábó, lhe peço licença! Eu o respeito!

Senhor da força interior Èsù, Senhor dos Caminhos. (JAGUN, 2021, p.81)

Os fatos trazidos nesta problematização denunciam uma mazela crônica e cotidiana em nossa sociedade: o racismo. As crianças não nascem racistas e preconceituosas, elas aprendem esses conceitos, revelando uma base familiar e escolar adoecidas. Assim o racismo herdado do colonialismo, é explicito, não só pelas caracteristicas físicas, também existindo discriminações dos objetos simbólicos de quem o pensamento colonizador tenta submeter, das crenças, danças, comidas, visões de mundo, formas de celebrar a vida, enterrar os mortos e educar as crianças, como nos ensinam Lopes e Simas (2020).

A memória é algo que perpassa os vivos e não-vivos. Sobre as barreiras impostas pelo tempo concordamos que *“A memória marca, decalca, tatua”* (JAGUN, 2021, p.83). Desse modo, entendemos que as condutas que são ensinadas no *Ilé Òsùmàrè Aràká Àṣẹ Ògòdó* vem sendo ensinadas há mais de 190 anos, ultrapassando gerações, vencendo a escravização e direcionando seus adeptos e membros da casa até os dias atuais.

Nós podemos estranhar a ausência da escola de alvenaria, de lousas, de giz...Temos dificuldade de conceber a falta de escrita cursiva, de livros didáticos... Nem por isso o compartilhamento de saberes dos iorubas é insuficiente, ou menor. Para eles, a escrita é registrada e marcada no corpo. O corpo é a lousa que recebe anotações cotidianamente; a cabeça é o caderno que registra as vivências; e a palavra é o giz que redige na memória e nas sensações. (JAGUN, 2021, p.90)

De acordo com as tradições desta comunidade, o hunbe serve para “afastar” os Ajogun, espíritos ruins que propagam a negatividade e inibem virtudes. São eles: Ikú: a morte; Àrùn: a doença; Òfò: a avareza; Ègbà: o ócio; Òràn: o problema; Èpè: a maldição; Èwòn: a prisão; Èse: a aflição. No entanto, é válido ressaltar que o referido código de conduta não se aplica exclusivamente aos aspectos da vida dentro do terreiro. Orientações como não gastar todo o dinheiro que se ganha, não se sentar de costas para a rua, evitar o consumo excessivo de bebidas alcoolicas e não propaagar inverdades, são exemplos de como se comportar com ética e retidão também fora dos muros do terreiro.

É grande número de ataques que as religiões de matriz africana sofrem. Uma pesquisa publicada pela UNESCO em 2023, demonstra que as religiões de matriz africana são as que mais sofrem com crimes desta natureza no Brasil. Contra elas, foram registrados 86 casos em 2020. Em 2021, as notificações contra religiões de matriz africana cresceram acima de 270%, chegando a 244 casos. Infelizmente os dados apresentados revelam que casos como o do Ogan Michael não são isolados e podem ser observados em diversos ambientes, como transporte público, estabelecimentos comerciais, locais de trabalho e escolas.

A proposta, dentro dos limites do artigo, é provocar a reflexão acerca da manutenção das violências sofridas pelas comunidades tradicionais de matrizes africanas, assim como suas estratégias de sobrevivência e resistência. Em meu trabalho de conclusão de curso pretendo, por meio de entrevistas, compreender os desafios de ser candomblecista em diferentes épocas a partir do diálogo com interlocutores de idades cronológicas e iniciáticas diferentes.

Referências

JAGUN, Márcio de. *Orí*: a cabeça como divindade. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

JAGUN, Márcio de. *Yorùbá*: vocabulário temático do candomblé. Rio de Janeiro: Litteris, 2017.

JAGUN, Márcio de. *Ewé*: a chave do portal. Rio de Janeiro: Litteris, 2019.

JAGUN, Márcio de. A sala de aula não cabe no mundo: Compreendendo a nagologia educacional e suas metodologias singulares. Rio de Janeiro: Litteris, 2021.

LOPES, Nei e SIMAS, Luiz Antônio. Filosofias Africanas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

1. Cargo ocupado pelas pessoas que já passaram pela renovação de votos referente aos 7 anos de iniciação, considerado a maioridade dentro do candomblé. [↑](#footnote-ref-1)
2. Cargo masculino, dado aos homens que não entram em transe e possuem funções rituais específicas, como a execução dos toques e cânticos durante as cerimônias públicas, por exemplo. [↑](#footnote-ref-2)
3. Colar confeccionado com cordonê, fio de algodão puro, e com miçangas. As cores das miçangas são relacionadas a uma divindade. [↑](#footnote-ref-3)